

THE BEST EXOTIC MARIGOLD HOTEL

No âmbito da disciplina de Estudos Interculturais, e do presente trabalho que se foca no confronto entre culturas, escolhi o filme “The Best Exotic Marigold Hotel” a fim de, através deste, analisar e demonstrar o choque entre realidades diferentes, as ações e atitudes que dele advêm, bem como aplicar a abordagem de certos conceitos relacionados com a interculturalidade.

Começando com uma breve descrição da obra:

O filme retrata personagens distintas que começam a viagem separados, com uma história e motivos pessoais diferentes, mas que os levam ao mesmo destino. Evelyn Greenstade, dona de casa e recentemente viúva, descobre que deve vender sua casa para pagar as enormes dívidas do seu falecido marido. Graham Dashwood, um juiz que passou os seus primeiros 18 anos na Índia, decide, de repente, reformar-se e voltar para o seu país. Jean e Douglas Ainslie, depois de terem perdido a maior parte de suas poupanças através do investimento em negócios de internet da sua filha, procuram uma reforma acessível e agradável. Muriel Donnelly é uma dona de casa reformada e que precisa de uma operação de substituição de quadril, operação esta que descobre ser muito mais rápida e barata na Índia. Madge Hardcastle está à procura de outro marido, e Norman é um sedutor de mulheres já a envelhecer e, portanto, tentando recuperar a sua juventude. Cada um deles decide ir passar a sua reforma num hotel na Índia, com base em imagens luxuosas do seu website.

É importante começar por destacar que todas as personagens acima descritas são de Inglaterra, e que, pelos motivos referidos, decidem viajar para a Índia, mais precisamente Jaipur, derivado de informação promocional, na internet ou folhetos, acerca de um hotel chamado “The Best Exotic Marigold Hotel”, que se mostra ser uma residência nova e luxuosa e, portanto, o sítio ideal para viver a reforma. Este é dirigido pelo jovem e ávido Sonny Kapoor, que demonstra um grande amor pelo hotel e determinação em dar a melhor experiência possível aos seus hóspedes. No entanto, estes são surpreendidos á chegada quando a aparência do hotel não se assemelha ao descrito, não é tão luxuoso, mas com o passar do tempo, de formas inesperadas, a experiência no hotel consegue surpreender.

O conceito de cultura nesta obra inclina-se para uma cultura enquanto modo de vida, isto é, o que mais se evidencia é a diferença de realidades, vestuário, os comportamentos comuns e os estereótipos de outra cultura, neste caso a inglesa, em relação á comunidade indiana.

As personagens que inicialmente começam por demonstrar mais repulsa pela população e pelo seu modo de vida frenético, serão a Sra. Donnelly e a Sra. Jean Ainslie. A Sra. Donnelly é já bastante idosa, portanto, menos receptiva a mudanças bruscas para um ambiente não familiar e, sendo preconceituosa, mais difícil irá ser a sua estadia. A sua desconfiança perante a comunidade manifesta-se, também, quanto ao nível de capacidades e inteligência, por exemplo, uma vez que o seu motivo de visita é a necessidade de uma operação à anca, ela não acredita que os médicos locais tenham as

capacidades necessárias para a realizar corretamente. Por outro lado, ao longo do tempo que se vai instalando, tem uma propensão para se distanciar e não se envolver muito, quer com a população local quer com os próprios hóspedes, ao contrário da Sra. Ainslie. A atitude preconceituosa da Sra. Ainslie é muito mais evidente, desde a sua revolta com o hotel por não ser tão luxuoso e até exigir que seja transferida para outro que faça jus ao nome, até á recusa de deixar o hotel de modo a não estabelecer contacto com a população ou de maneira alguma interagir.

É visível a forma como estes estereótipos podem impedir as pessoas de ver o que está ao seu alcance e não conseguirem ver as semelhanças escondidas que fazem parte de qualquer humano, como ser feliz e ter as mesmas ambições de futuro. A sua energia negativa e constante repúdio chegam mesmo a incomodar os restantes hóspedes que, pelo contrário, demonstram um maior interesse em conhecer a cultura e, acima de tudo, viver o máximo possível com o tempo que lhes restam. Estará isto, também, relacionado com as diferenças nas estruturas de pensamento, uma vez que vivendo em realidades diferentes e tendo personalidades distintas, pensa-se e age-se de forma diferente e, por isso, ao não partilhar os mesmos valores a comunicação não é bem-sucedida, o que se reflete diretamente no comportamento comum.

É possível ver o ajuste que todas as personagens fazem ou tentam fazer á sua vida naquele país e naquele modo de vida. Os que se deixam ensinar pelo que lhes é dado e pelo que podem viver ali, enquanto que quem é cético tem maior dificuldade em aceitar e, no fundo, ver a inocência naquela comunidade. Graham Dashwood, que se identifica e estima bastante a comunidade, ao conversar com a Sra. Ainslie, explica que o que vê de especial naquela cultura é mesmo o facto de esta ver a vida como um privilégio e não como um direito.

Á medida que cada um tenta encontrar o seu lugar e propósito neste novo ambiente, é quando se evidencia também a presença da tecnologia, e da parte “moderna” do país. Evelyn encontra um anúncio de emprego para um call center que, especificamente, pede habilidade de falar com pessoas idosas. Ao visitar a empresa, ao contrário das suas expectativas, encontra uma equipa jovem e, desanimando, começa por desistir, uma vez que não se identifica com a faixa etária que trabalhava no local. Porém, o chefe que se apresentou mostrou bastante interesse pela sua sabedoria e nas capacidades que acreditava que Evelyn possuía.

O aspeto da cultura mais evidente é o seu lado espontâneo, enquanto um sistema de expressão de significados e ideias, é mais destacado os comportamentos típicos, o que há de espontâneo da comunidade, como esta encara a vida e não tanto a importância da aprendizagem escolar ou da arte. É uma cultura que se destaca muito no comportamento, com características específicas no quotidiano comum, por exemplo, as danças e a saudação típica (namastê) e o vestuário muito icónico.

As estruturas de pensamento em causa são bastante diferentes no que diz respeito à cultura dos hóspedes e do povo indiano que é visivelmente mais pobre e negligenciado. Por exemplo, os taxistas e a família do motorista da Sra. Hardcastle que se mostra mais necessitada e, ao mesmo tempo, muito humilde. São estas diferenças que levam a estruturas de pensamento diferentes, pois à medida que levam vidas diferentes

com dificuldades maiores ou menores, vão formando valores próprios e formas de representar o mundo distintas.

O papel da mulher também é bastante dividido. É aparente a abundância de empregadas, que não sabem falar inglês, existindo sempre um intérprete a acompanhar, no caso da Sra. Donnelly que, como também exercia a profissão de dona de casa, tentava comunicar progressivamente com elas, de modo a dar conselhos. Ao mesmo tempo que, na parte da cultura mais “moderna”, a estrutura de pensamento é muito próxima da dos hóspedes britânicos. Por exemplo, a namorada do gerente do hotel trabalhava no call center pelo que era notável também a igualdade de género presente, quer no trabalho quer no seu quotidiano, e também uma mentalidade mais avançada e ambiciosa.

No seu todo, poderá se dizer que no decorrer da experiência de cada hóspede houve transformações nas suas realidades, agora expandidas, e também nas suas identidades pessoais e coletivas. De facto, quem somos e a nossa personalidade, estão constantemente constringidos pelo exterior, por nós, pelos outros e pelo que experienciamos. E é notável as diferenças sentidas pelas personagens e as mudanças ocorridas das suas vidas. Por exemplo, Douglas encontrou outra pessoa que o compreendia e partilhava os mesmos valores que ele, Evelyn, tal como a sua mulher, Sra. Ainslie, constatou que, de facto, não era justa para o seu marido, que queriam coisas diferentes, pelo que seguiram ambos os seus rumos, em separado. Evelyn encontrou um trabalho que aprecia e no qual é capaz de transmitir o seu conhecimento na área e de fazer a diferença. Sra. Hardcastle mostra aproveitar bem o momento, conhece pessoas novas e aventura-se, tal como Norman que, inicialmente, desejava voltar a sentir a sua juventude, encontra uma pessoa que o faz sentir como tal.

O facto de o filme abordar esta vontade de conhecer o desconhecido, de fazer estas ligações interculturais a partir de um grupo de pessoas idosas é interessante, porque, perceptivelmente, estas encontram-se num momento em que querem aproveitar a vida sabendo que esta não vai durar muito mais, fazendo-nos refletir, mesmo sendo nós jovens, que também deveríamos procurar pelo mesmo. Providencia-nos, então, um retrato de como pessoas com mais idade e, portanto, com mais raízes na sua cultura, que provavelmente se adaptarão mais dificilmente a diferentes realidades, mas que mesmo assim são capazes e têm a mesma vontade de qualquer jovem.

Desta forma, no final do filme mostra como a estadia acabou por ser surpreendente, como um hotel que inicialmente era visto como desilusão, é agora um espaço familiar, de convívio entre pessoas que se conhecem e se estimam.